

Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 19 de novembro de 1854 – Edição 47
Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00047.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 19 DE NOVEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Que vos direi eu, minhas boas amigas, neste artigo? Agora reconheço a minha imprudencia em obrigar-me a fallar dos salões todos os domingos, sem declarar que a minha promessa ficava sustada no tempo do verão.

Felizmente a abundante chuva desta semana fez alguma opposição ao desenvolvimento do calor, comquanto não protegesse muito a causa dos bailes; e, enquanto o tempo assim fôr, poderemos ainda dizer alguma cousa em desempenho do nosso compromisso á proporção que se forem realisando as ultimas reuniões que são ainda esperadas de algumas sociedades por conta do anno que corre.

Depois dellas teremos de recorrer ás partidas do *Club Fluminense*, que se tem tornado dignas de particular attenção pelo esmero e gosto dos seus magníficos salões, animados por uma companhia sempre escolhida. E' realmente bastante apreciavel o passar uma noite de cada semana no meio de uma reunião para onde tem affluído as mais bellas flores da nossa sociedade, e a maior parte dos distinctos cavalheiros, que são seus constantes admiradores.

Deixemos que entre elles sempre appareça em toda a parte algum, que só sabe rir-se de tudo e para todos; outro, que faz consistir o seu prazer em dançar todas as contradanças; este, que repete sempre as mesmas finezas a todas as senhoras a quem se dirige; aquelle, que julga

merecer attenção e captivar corações repetindo entusiasticos períodos de alguma obra recentemente publicada, mas degenerando-lhes o merecimento pela precipitação e frieza com que os diz, ou pela impropriedade com que os applica.

Todos esses, e muitos outros, têm para si uma theoria do mundo que lhes é particular; e não seremos nós que queiramos roubar-lhes o privilegio exclusivo sob cujos auspícios vivem; porque, se desagradão por um lado, reconhecemos que têm algum merecimento, pois concorrem com o typo que os caracteriza para a variedade da sociedade.

Ora, isto é tanto mais util quanto sabemos que uma sociedade é uma miniatura do mundo, e deve portanto ser ella tão variada como elle.

Quem, como nós, frequenta as sociedades com algum fim premeditado, acha sempre, ainda que assentada uma noite inteira em uma cadeira, duas cousas que a entretêm muito, e que se ligão particularmente entre si: a primeira é a variedade dos *toilettes*, no matiz, no gosto, etc., aos quaes preside sempre o capricho de prender maior numero de attensões, e que fôrão um bello quadro colorido de delicado mosaico: a segunda é tambem mosaico de outro gosto, do que cada cabeça masculina é uma pedrinha que reflecte a seu modo o colorido do primeiro.

Muito nos entretem, realmente, apreciar os

effeitos diversos que causão as nossas bellas elegantes sobre a turba dos adoradores, fazendo a uns alegres e animados; a outros, sentimentalistas concentrados e silenciosos; a outros, poetas improvisadores; a outros, recitadores, isto é, oradores; e, emfim, a outros, amadores patheticos e tragicos.

Por fallar nestes ultimos sugeitos, devemos aproveitar a occasião para fazer observar que são elles os mais perigosos, porque nós senhoras nos deixamos mais naturalmente arrastar pela piedade; e as que não estão habituadas a ouvir taes lamúrias podem, por effeito de sua innocencia e pureza de sua alma, conceder um raio de compaixão immerecida aos lamentos de suppostos infortúnios; e ha sugeitos que têm para isso tanta imaginação como eloqurncia! Entretanto, estando-se prevenida, achamos bem interessantes os adornados discursos desses filhos do infortunio, perseguidos pela mão supposta da desgraça. Em nossa opinião são estes os mais interessantes, e, para nós, os menos incommodos dos adoradores do nosso sexo.

Os alegres e animados não podem causar receio: brincão e divertem, e têm a fortuna de se não tornarem enfadonhos: os poetas fazem versos, como sempre: e a poesia presta-se mais ao amor pensado do que ao realizado. Deixemol-os portanto versejar. Os sentimentalistas têm algum risco, se possuem sufficientes habilitações e talento para jogar dextramente com as paixões: mas destes ha poucos; e os mais são muito dignos de attenção, porque nos interessão sem dispensar nunca as delicadezas e o respeito que devem ás senhoras.

Ora, leitoras, como me desviei eu do fim á que me destinei escrever este artigo!... Devia fallar-vos dos bailes, e só vos fallei dos homens que os frequentão!... Bem sei que não era isto que esperaveis achar neste escripto: mas sinto sempre prazer em fazer alguma critica aos homens, em compensação das que elles nos fazem continuamente: e como isto tambem póde considerar-se *chronica*, aceitai-a como tal, para dispensar-me de escrever outra; e recommendai-lhe a leitura aos importunos de que fordes victimas nas reuniões; o que talvez vos produza a vantagem não pequena de vos livrar delles, quando novamente os encontrardes.

Alina.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO PARA PEQUENO SOIRÉE DE VERÃO.

— Penteado de bandas ondeados, guarnecidos de flores de campo.

Vestido de tarlatana, bordado de seda matizada. Saia enfeitada com dous folhos. Corpo franzido de cintura redonda. Cabeção com peitilho ornado de folhos da mesma fazenda e laço de fita de nobreza branca e azul. Cinto de pontas cahidas da mesma fita larga.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Saia de nobreza de riscadinho côr de rosa, guarnecida com cinco folhos, sendo três côr de rosa e dous de seda de riscadinho branco.

Basquine de cambraia de linho, enfeitada de renda *valencienne*.

Mantelete de tafetá preto, feitio-*manta*, bordado de seda preta, enfeitado de duas ordens de renda-Chantilly muito larga.

Chapéu de palha de arroz com flores e blonde.

A MANTA.

(Continuado do n.º 46.)

A casa de campo, em que habitava Maria, jazia a alguma distancia da pequena villa de ***, onde deixei a minha carruagem. Segui a pé para a aldêa mais proxima, e ahi assentei minha morada. O sol acabava de tramontar quando me affastei da rustica habitação que devia servir-me de retiro tão perto della. Chegando por uma vereda solitaria ao cimo de uma collina cerrada de arvoredos, descobri a sua morada. Era uma casa mui simples; na frente um terrado com laranjeiras e flôres; em pequena distancia um bosquesinho de alamos e de cyprestes.

Logo que anoiteceu desci do bosque; vi que as salas, que parecião ser habitadas, abrião para o terrado; tudo estava em silencio; era uma morada de calma e de eterno repouso. Fui-me triste para a minha humilde habitação.

No dia seguinte o sol não se mostrou. A' noite uma lampada lugubre allumiava a sala de Maria. A lua, que se levantava por detraz de uma nuvem, assontou brilhante. Abriu-se uma janella, vi apparecer uma sombra branca, e depois ouvi



404

LE MONITEUR DE LA MODE

Nous, Rue de Richelieu, 92.



Modes d'Alexandrie. Coiffures de M^{me} V^{ie} Serret Cellard. Vestiments d'enfants de la M^{me} Jacob place Vendôme. Heures de M^{me} Toulon. M^{me} de L. M^{me} C. Imperatrice. Dentelles de G. Diolard. Corsets de M^{me} Damboulin. Bonnet de Chapron. Tournure de M^{me} Laguer. Saboules.

no interior uma voz serena exprobrando uma imprudencia; fechou-se a janella e desapareceu tudo.

Na manhã seguinte, levantou-se o sol radioso, e eu encaminhei-me para o bosque; pelo meio-dia o calor deste sol da Provença vivificava toda a natureza; de uma das salas sahiu um criado, trazendo uma poltrona que collocou perto de um alegrete de roseiras e de raynnunculos. O meu coração batia com violencia. Depois trouxe o mesmo criado um tamborete e uma mesinha, e appareceu no limiar da porta um homem que reconheci ser o conde G...; dava o braço a uma mulher que mal podia andar. Oh! Maria! era ella: o seu vestido era branco, pobre Maria!... a manta azul pendia-lhe dos hombros, ella a trazia ainda; não tinha, pois, arrojado para longe da sua vista essa manta despedaçada pela minha mão cruel!

Sentou-se a custo na poltrona. Ah! só eu a podia reconhecer; estava bem mudada, mas quiçá mais bella ainda, que a languida formosura tem um attractivo indefinivel. As suas feições parecião que do sentimento apenas tinham conservado essa expressão delicada, pura e sensivel, que só a alma dá ainda; não era pallidez, era mais que soffrimento, era alguma cousa que accommettia o coração; era um rosto ainda encantador, mas que já nenhum prazer, nenhuma esperança terrestre podia animar. Só o seu sorriso era sempre amavel, eu o reconheci quando a vi agradecer a seu marido o apoio que achára no seu braço; mas logo que o conde a deixou, desapareceu esse sorriso dos seus lábios, que já não era elle natural, era um esforço penoso.

Por muito tempo ficou Maria immovel, com a cabeça levemente inclinada, cuidadosa e completamente absorta em seus pensamentos. Depois correu com os olhos o terrado como para assegurar-se que estava só; tirou um livro do seio... era o meu; não lia, mas voltava as folhas; estava ainda distrahida; mas, pouco a pouco pareceu-me que algumas recordações penosas haviam fixado a sua attenção. Conhecia eu bem esse livro e as folhas soltas escriptas pela minha mão! Seguia com os olhos todas as impressões que nella se despertavão: reconhecia e podia ler, por assim dizer, cada pagina e cada pensamento no espelho das suas feições moveis.

Fechou o livro e deixou-o cahir sobre a mesa; parecia fatigada, e descansou a cabeça na mão. Comtudo, passados poucos momentos, abriu um pequeno indispensavel, tirou dahi algum retroz e agulhas, e pôz a manta no regaço, Era ainda a manta azul, sómente desbotada, mais desmaiada, mas, com pequena differença, tal qual a tinha visto no primeiro dia; os dous pedaços tinham sido reunidos com esmero, mas restava ainda alguma cousa a fazer. Pobre Maria! era o seu trabalho; de quando em quando ella o interrompia; levava a manta aos lábios; sorria-se, e depois enxugava os olhos e parecia fallar comsigo mesma. Minha emoção já nada me deixava ver, nada ouvia... mas sentia correr as minhas lagrimas.

Ia, julgo eu, lançar-me a seus pés, quando um súbito rumor na sala fez estremecer Maria. Occultou-se logo o livro e fechou-se o indispensavel. Apareceu o conde. A sua vista excitou em mim um sentimento horrivel; este homem só devia apresentar-se a meus olhos em vinte passos de distancia e com uma pistola na mão. Vi nas feições de Maria uma expressão indefinivel, que só eu podia comprehender: a ansiedade e o constrangimento, e depois a resignação da desesperação.

No dia seguinte estive o Céu nublado, o ar frio; as janellas não se abrirão.

No que se lhe seguiu, o vento havia dissipado as nuvens; era uma manhã de abril em todo o seu esplendor.

Abriu-se finalmente a porta do terrado. Apareceu Maria; o seu vestido e cabello arranjados com esmero, a manta, tudo me recordava o dia em que a vira pela vez primeira.

O conde sentou-se e conversou por alguns momentos com Maria; estava de botas e tinha um chicote na mão; levantou-se pouco depois e despediu-se della.

« Ha já muito tempo que vos não vejo com tão bom semblante, disse elle; voltarei á noite ou amanhã de manhã, o mais tardar. » Maria disse-lhe adeus com a mão, o conde sahiu; e, passados poucos momentos, ouvi galopar o seu cavallo.

Maria mandou vir um vaso para flores, um álbum, o indispensavel e uma caixinha. Apenas ficou só, appareceu o jardineiro e deu-lhe um ramo de flores. Maria despediu-o e começou a arranjar as flores no vaso; dir-se-hia que não queria que este dia passasse como todos os outros dias; que desejava dar-lhe um ar de festa. De repente me veio á idéa uma data, era o dia 8 de abril, o anniversario do primeiro baile, da nossa primeira entrevista. Um anno sómente se tinha passado; que recordação! e a donzella feliz, brilhante de formosura e de graças, ei-la! e eu, eis-me tambem, eis a minha obra, o meu crime!

Pobre Maria! era o seu 8 de abril, a sua pequena festa, que nenhum dos que a rodeavam podia comprehender. Queria esquecer o presente pára tornar a viver alguns momentos, só com as suas recordações, nesse passado que nada havia ainda perturbado, em que sós estávamos juntos, embalados pela doce confiança e pela imprevidencia do amor. Oh! Maria! e eu, autor de todos os seus males, eu era-lhe ainda grato, ainda occupava todos os seus pensamentos.

Olhou por muito tempo para a vista do lago que eu desenhara no seu álbum, e seus olhos encherão-se de lagrimas. Depois tirou da caixinha todos os seus thesouros. O meu livro estava aberto. Voltando as folhas, cahiu uma dellas sobre as roseiras. Movendo-se para a apanhar, prendeu-se a manta aos espinhos. Maria empallideceu. Não se atrevia a arrancar a manta. Examinou-a attentamente; uma expressão de prazer reapareceu subitamente em seus lábios

desmaiados, e, levantando para o Céu os olhos em que brilhava a alegria, exclamou: « Não se rasgou! elle me ama ainda... posso morrer... »

E ajoelhando-se no tamborete pronunciou as seguintes palavras entrecortadas:

— 372 —

« Oh! meu Deus! perdoai-me, illustrai-me!... Tudo fiz para obedecer-vos; tudo sacrificarei, se é preciso... felicidade... tudo... nunca me verão chorar... nada saberão... cumprirei o meu dever; mas deixar de ama-lo... não... não... Oh! meu Deus! vós por certo o não exigis... ah! nunca elle saiba o mal que me fez... esqueça-me! mas só quando eu tiver deixado de existir. Ah! elle ainda me ama... Oh! vêl-o, ouvir ainda a sua voz... pela última vez.

Não pude conter-me por mais tempo; corri a lançar-me a seus pés. Ao primeiro rumor que ouviu, levantou-se com força, e recebi-a nos meus braços.

Tinha perdido os sentidos, levei-a para o seu quarto; deitei-a em uma cama que ali se achava; e ajoelhei-me junto a ella. Pareceu-me que tornava em si, seus olhos abrirão-se e fecharão-se muitas vezes; dir-se-hia que dormia o que via em sonho uma imagem aprazível. Não me era possível pedir auxilio, chamar alguém, porque ella me tinha abraçado, e, a cada movimento que ella fazia, parecia despertar, temer, soffrer, e mais estreitamente me apertava. Eis que de subito se lhe illuminou o rosto, doces palavras de amor parecião errar sobre seus lábios; com um sorriso pacifico, delectavel; depois, encostando a cabeça sobre meu hombro, ouvi um suspiro.

Por muito tempo fiquei de joelhos no mesmo lugar, sem fazer o menor movimento. Comprehendia e não queria saber, via e não queria ver. As sensações que experimentava erão demasiadamente fortes; havia nellas demasiada desesperação, demasiada realidade lacerante para poder acreditar-as; para procurar sahir de um estado que talvez não fosse mais que um sonho: como um sonho; era feliz esse estado... Como realidade!... era insuportavel... que então era eu; ainda eu, sempre fatal, sempre cruel; eu, eu, o seu destino terrivel, a sua primeira e a sua ultima desgraça. Immovel, em um estado de torpôr, só podia proferir palavras delirantes que ella não ouvia... Por fim, um leve rumor no quarto immediato me fez tornar em mim; desprendi-me de seus braços que ainda me apertavão, e, deixando cahir a manta como um véo sobre o seu rosto, sahi precipitadamente para encerrar-me na casa em que habitava. Ah! não me acompanheis na minha solidão.

No dia seguinte, em derredor de mim dizia-se que a condessa de G*** tinha morrido. Veio a noite, sombria e humida; uma só das janellas do terrado estava aberta, a escuridade

permettia que me approximasse della sem o menor receio de ser visto. O quarto só era allumiado por uma vela que ardia sobre o altar temporário. Vi uma mulher que orava e velava junto ao leito. Quiz também orar; não pude; esperei por muito tempo; finalmente a pessoa que velava saíu. Armei-me de coragem... Era-me preciso vel-a ainda uma vez... dar-lhe um último adeus!... E a manta!... Ei-la... eis-aí essa manta! Era ainda a mesma; sómente desbotada, embranquecida pela mão do tempo. E Maria, ah! essa há muito que não existe; esse ente amável, encantador, que era toda alma, sentimento, amor; já não existe. Só eu conheci Maria; sem ser percebida passou ella, no meio das outras, como o nosso amor.

E, contudo, desde então tenho podido viver. Nos primeiros momentos da minha desesperação, muitas vezes tentei livrar-me vulgarmente da vida; como tantos fazem. Mas Maria havia lançado os germens dos mais nobres sentimentos no meu coração; viver parecia-me mais digno della.

Sem contar muito sobre os homens, puz todo o meu empenho, menos em despresal-os do que em servir-os. Maria parecia animar os meus esforços, tenho feito uma pequena parte do bem que juntos meditáramos.

Mas a manta nunca me deixa, com ella renascem a cada momento todas as minhas recordações. Foi ella o laço mysterioso da nossa vida; foi ella a dôr de Maria, o seu prazer passageiro e o véo do seu leito de morte; quando eu também tiver cessado de esperar... quando, enfim, ouvir a voz de um anjo dizer-me: «Vem, vem, é chegada a tua hora! » quero que esta manta cubra também o meu rosto... quero senti-la sobre os lábios... quero que aí receba o meu último suspiro.

POESIA.

SORTE DAS FLORES.

A flor tão louça
Primeira a nascer
Em bella manhã
De um dia de abril,

Emquanto estiver
Alta e formosa,
Verá, radiosa,

Favonio subtil

— 373 —

Vir ledo a beijar
Em seu desatino;
Mas, quando passar
O dia de amor,

Lá quando o Destino
Um outro surgir,
E o roscio entreabrir
Uma outra flor;
A flor, que louçã
Primeira surgiu,

Verá com afã
Favonio voar
A' nova que abriu;
E cheio de amor
Da juvenil flor
Seu seio beijar.

Joséfon.

A' SEUS ANNOS.

*O dia em que amor nasceu
Foi o dia em que nasceste.*

GLOSA.

Houve tempo em que se deu
Um problema a resolver;
E o problema vinha a ser
— *O dia em que amor nasceu.*

Turba immensa concorreu,
Que um problema como este
Té chama a atenção celeste.
Os chronistas disputarão;
E o dia em que assentarão
Foi o dia em que nasceste.

Dr. B. A.

UMA NOITE DE LUAR.

I.

Uma noite de luar é a mais bella pagina do livro da natureza. Uma noite, como essas tantas que já temos visto, é um espectáculo que agrada, um incentivo ao passeio, uma das muitas bellezas do Céu e da terra que os homens do mundo amão contemplar e apreciar. Mas uma noite de luar, como eu já vi e gozei, uma dessas noites suaves e serenas que parece forão dadas por Deus para consolação dos que soffrem, uma dessas noites tão caladas e tristes, em que a brisa só de leve rumoreja pela ramagem das arvores, em que o correr do regato é tímido e mavioso como o primeiro suspiro da amante que se debruça languida e dormente nos braços de sua paixão... oh! uma noite tão completa ninguém a gozou como eu!

A lua passeava tristemente pelo Céu vagarosamente arrastando seu manto de estrellas; o Céu estava de um azul só seu; as ondinhas do mar vinhão tremulas e inquietas espreguiçar-se na areia das praias; os cantos do marinheiro chegavão á terra tão frouxos e quebrados como as notas isoladas de um alaúde desferido na solidão de uma matta; a cidade era erma como um convento, e triste como as ruínas de um castello deixado. A natureza inteira parecia repousar e dormir igualmente no somno dos homens! Eu nunca vi uma calma tão fresca, um socego mais religioso, um silencio mais tímido, uma noite mais bella do que essa!

II.

As dez horas ha muito que havião soado e vagarosas se revolvião na ampulheta do tempo. E eu com ellas tambem ha muito que me revolia ancioso entre as alvas do leito. Doudejantes sonhos me rolavão no cérebro, uma inquietação nervosa me estremecia o corpo, sentia a cabeça pesada sobre o travesseiro como que vergada por uma barra de chumbo! Os olhos... não sei se os tinha abertos ou fechados, mas eu via, via; e a imagem que me encantava

como que sorria para mim, acenava-me com suas mãos mais alvas do que a neve, as cortinas do leito parecião-me as vestes vaporosas, em que estava envolvida a linda visão de meu sonho accordado.

Levantei-me. Sentia o coração oppresso, quiz respirar o perfume da viração da meia noite, abri uma janella de meu quarto, olhei o Céu como um vasto lençol estendido sobre a cúpula dos astros, encantei-me do brilho amortecido das estreitas, das nevoas que vinhão descendo da serra formando nebulosos fantasmas, ouvi o mar estremecido suspirar sobre as conchas de prata, encantei-me enfim de toda aquella belleza e tive vontade de sahir. E sahi.

E a lua passeava sempre tristemente pelo Céu

— 374 —

arrastando vagarosa o seu manto de estrellas! E as auras sopravão mansamente pelos galhos do arvoredado escuro. Era tudo um paraíso de doçuras, ou verdadeiro oásis de poesia!

III.

A athmosphera embalsamada estava de uma frescura calida, confundindo os vapores da terra com as exhalacões do mar. Dirigi-me pelo longo da praia até o logar onde ella analysava como um ponto de exclamação! Com effeito o panorama que se desenrolava pela ponta do seu extremo era admirável de belleza e grandioso de contemplar-se. Em frente era o mar que se estendia longo como um pensamento de saudade! Ao lado erão os brancos irisos da arêa alvacentas, sombreadas pelos coqueiros da margem que estendião suas palmas a receber os raios da lua; do outro... do outro, oh! era o paraíso dos amores que se alongão pela terra dentro, era oásis sonhado na aridez do deserto, era a habitação do meu anjo, era a morada do meu sonho, era uma linda chácara matisada de relva e sombreada de arvores; — era o céu!

Ella estava passeando no jardim. A aquellas horas julguei-a antes um sylpho mágico, uma visão aerea. Envolvida em seu roupão de caça branca, deixava suas bastas e negras tranças debruçarem-se melancólicas por seus hombros de alabastro. Seu rosto, quando ella o levantava para encarar o azul da abobada celeste, reflectia a pallidez da lua, tão melancólica e suave como um anjo que olhava para sua patria distante, como uma filha transviada que procurava sua mãe, como um passarinho perdido a buscar o seu ninho e julgando encontral-o no primeiro tronco cahido, no primeiro galho de arvore, no primeiro marco da estrada, na própria cruz dos cemitérios!

E eu vi-a, rareando entre as sombras das moitas e as nevoas que se levantavam entre os ramos dos arvoredos, como uma aparição luminosa, como uma sombra vaga, como uma idéa solta, como um pensamento isolado!

E ella estava como sempre bella a mais não ser, que mais não podéra a natureza!

O que eu senti, não sei. O que vi depois, oh! que nem o quero lembrar! A minha linda visão desapareceu em pouco por traz de uma muralha que como barreira insuperável se me estacava diante, como um túmulo que se abrisse de proposito para afundar o meu sonho! E ella foi-se, e eu acompanhei-a com o pensamento, com a alma, com o desejo, com a saudade. E ella não voltou, não voltou para sempre!

Apenas o mar se estendia vasto e longo, monótono como uma harmonia repetida. Apenas as ondinhas inda gemião na praia, e as palmas dos coqueiros se baloiçavam languidas! Só a lua caminhava tristemente pelo Céu arrastando vagarosa o seu manto de estrellas!

Oh! saudade! como ainda me punges!

B...

BIOGRAPHIA.

Em 1601 reinava em Roma o summo pontifice papa Innocencio IX Fachinetti, unica familia deste nome na cidade de Bolonha, dos estados pontificios. Desta familia teve descendencia o vice-almirante Louis Fachinetti, *ex-capitaine de vaisseau* ao serviço da França, homem de grandes talentos, o qual levou a seu bordo o grande Napoleão Bonaparte, voltando do Egypto triumphante do cruzeiro inglez em 1799, e desembarcando na cidade de Frejiis, cobrindo-se de gloria, e de muitos elogios que S. M. o primeiro Imperador da França lhe fizera pelas acertadas manobras que o puzeram a salvamento.

E' de admirar como não houvesse ainda no Brasil pessoa, entre as mais distinctas, que não reconhecesse que o pianista e compositor de musica Joseph Fachinelli é filho legitimo desse bravo militar, recommendado á carinhosa sua mãe por Napoleão I, a fim de zelar seus estudos, e já disposto a lhe assegurar uma decente occupação.

O vice-almirante Louis Fachinetti e sua numerosa familia tem conservado fielmente a sua nacionalidade franceza até o presente, não obstante tivessem os filhos nascido na Italia, e até fossem educados na época das leis do primeiro imperio. O velho militar fez toda a sua carreira na marinha franceza, e em 1794, na idade de 23 annos, era já primeiro-tenente da fragata *Versale*, em cuja época casou-se com Julia Dorothéa Brunel, filha de primeiros negociantes com fabricas de sedas em Pariz: não quiz servir mais a ninguem, depois de considerar que teve

a gloria de ser fiel companheiro d'armas do primeiro general do mundo. Louis Fachinetti passou a segundas e terceiras nupcias; falleceu em 1852, na idade de 84 annos, deixando vinte filhos da primeira senhora, da qual o referido compositor é o terceiro e primeiro varão; e outros tantos da terceira senhora, que é ainda moça.

Para vigorar as nossas observações e fiel exposição, publicamos a seguinte e recente carta que nos veio ás mãos, sellada, e reconhecida pelo consulado francez de Pernambuco.

— 375 —

« Mon cher ami Joseph Fachinetti.

« Gênes le 21 Juin 1854.

« Comme vous m'aviez chargé de vous faire parvenir les patentes constatant les services de votre decedé père Louis Fachinetti dans la marine française sous l'empire de Napoleon Bonaparte, je vous dirai qu'elles existent dans les mains de votre madraste. La même m'a fait voir les deux documents principaux; mais elle ne veut pas s'en desaisir, quoique je lui fisse voir qu'ils ne pouvaient etre d'aucune utilité à ses enfants.

« Votre madrasto m'a remis seulement les documents que je vous envoie par Monsieur Arsenio Fortunato da Silva qui s'en retourne à Pernambouc, parmi les quels se trouve heureusement l'extrait de mariage de votre père, dans le quel est aussi constaté le grade que le même occupait à cette époque dans la marine de la republique française à l'age de 23 ans, quand il se maria avec Julie Dorothée Brunel de Paris, votre mère.

« Les documents qui restent au pouvoir de votre madraste, sont: 1.°, une patente de Lieutenant de marine de la fregate nommée *Versale* en 1794; 2.°, la patente de capitaine de vaisseau commandant la fregate *La Junon* à l'époque de l'expédition d'Egypte; 3.°, un acte constatant que votre mère avait apporté en dot la somme de vingtquatre mil francs en monnoye, reçus par votre père de la maison Brunel de Paris lors de son mariage; 4.°, la nomination de president du conseil de la conscription par Monsieur M. A. Bourdon, préfet du departement de Gênes, baron de l'Empire, et membre de la legion d'honneur.

« J'ai fait tous mes efforts pour vous servir complètement; mais il me fut impossible de décider votre madraste à céder ces quatre documents: à mon retour je vous donnerai des plus amples informations. Agréez les salutations de mon épouse, et de moi qui serai toujours

« Votre dévoué ami et serviter

« *Louis Plassa.* »

PEQUENOS ABUSOS.

Não me sinto hoje, leitoras, muito disposta para escrever bonitas cousas; nem mesmo para prender a atenção um instante em objecto algum. Sabeis que somos susceptíveis destas alterações do espirito, ainda mesmo sem causa conhecida, como agora me está acontecendo; entretanto não deixo de reconhecer que é um abuso talvez censuravel bastante, o querer-se sujeitar alguém á nossa situação excepcional. Não o pretenderei pois; mas consentireis que se harmonise este artigo com a minha indisposição, addicionando mais alguns aos *abusos* que tenho observado em outros artigos sob o mesmo titulo que este leva.

Na semana passada fui a uma reunião particular bastante numerosa, brilhante e animada; e ahi houverão, como em toda a parte, algumas irregularidades, ou esquecimentos de formalidades a que chamamos *pequenos abusos*.

Consideraremos quanto é inconveniente que um cavalheiro se colloque com o seu par diante de outro que já tem tomado logar na quadrilha, só porque depois que se fixou defronte em logar que achou desoccupado. Não se lembrão ás vezes os cavalheiros que é máu tomar o logar diante della, e que d'ahi resulta encommodo quando se dança? Seria muito bom que isto se não repetisse.

Pouco depois observamos que um velho impertinente instava com suas lindas filhas para que se retirassem da reunião, sem attender á consideração que ellas lhes fazião de estarem comprometidas para dançar com alguns cavalheiros. Dizia o velho, que devia retirar-se porque os animaes da carruagem precisavão descansar para trabalhar no dia seguinte!... Pois senhor, por duas bestas, privar-se do prazer de uma reunião brilhante a tres senhoras?!..

Não nos foi menos digna de reparo a descortesia de certo cavalheiro, que se presume talvez de extrema delicadeza, que tratava quasi todas as senhoras por *você*, como se fossem antigos familiares, ou como se uma reunião autorisasse esta franqueza. Este sujeito pareceu ignorar que a delicadeza manda que nunca se use em publico a intimidade de que se goza em particular para com as senhoras que a tem permitido; e, por tanto, é muito reprehensivel que tal intimidade seja manifestada quando não existe.

Houve tambem criancinha que muito nos encommodou com uma porção de doces que ajuntou para levar para casa. E' máu levar crianças a reuniões: e peor ainda é, que certo sujeito, que não é criança, tambem encha os bolsos de doces e biscoitos, para levar talvez a alguma menina.

Dada a hora da partida recolhi-me ao *toilette* para tomar o meu chalé, e ainda ahi (perdoem-me as minhas leitoras que o diga) observei que entre nós tambem ha pequenos

abusos; e um delles é o costume, sem duvida inconveniente e pouco econômico, de espalhar pelo chão todos os chalés, capotes e mantelettes, que se encontram reunidos no lugar determinado para esse fim até se encontrar o que se procura; e nada mais fácil e natural do que pizal-os, estando elles espalhados. Bem sei que os pés das minhas amigas são muito delicados para não causarem damno sensível sobre

— 376 —

um chalé rico, ou em uma mantelette de seda; porém nós pouca importância damos a pisadella de outra qualquer: o que seria entretanto muito apreciável e honroso, mesmo para algum cavalheiro, cujo lenço, ou luva, e até a casaca, servisse de tapete para ser pisado pelo mimoso pé de uma dama.

Por nossa parte não damos o menor apreço á tal honra; e tanto menos, quanto sentimos o desprazer de ver manchado um chalé de fina cachemira branca que havíamos preferido usar essa noite. Posso assegurar-vos que fica elle destinado para os bailes, porque já está acostumado a soffrer as torturas que o aguardão em um *toilette*: e vos aconselho, minhas amigas, que se tendes algum em iguaes circumstancias, lhe destineis igual preferencia effectiva.

Basta por hoje.

Alina.

BELLAS-ARTES.

Os Arabes dão ás figuras que compõem a escala musical os nomes seguintes, a saber:
A, B, C, D, E, F, G.

A.... mi la.... 1.

B.... fa si.... 2.

C.... sol do.... 3.

D.... la re.... 4.

E.... si mi.... 5.

F.... do fa.... 6.

G.... re sol... 7.

Para a leitura da musica inventarão os seguintes signaes de abreviação:

Makhadz — Intervallo da primeira figura.

Tertib — Gradação ou nota.

Soud — Subida.

Soud bil esra — Subida com velocidade.

Hubuth — Descida.

Hubuth bil esra — Descida repentina.

Hubuth bil tertib — Descida por gráu.

Serian — Depressa ou vivaz.

Thafr — Salto.

Afk — Andamento rápido.

Rikz — Ultima nota da ária.

Os Arabes chamão á musica *Ilm el odavar*, que significa — sciencia dos circulos.

A MUSICA BARBARA DA RÚSSIA.

Tilesius foi um conselheiro da cõrte do imperador da Rússia em 1804, e membro dos viajantes de *Krusenstern*: em uma sua carta do 1.º de setembro do dito anno diz: « As ilhas de Santa Christina, chamadas *Tauhuata Montanioh*, avistão-se com o tempo claro sobre os mais altos montes de *Nukahiva*. Os habitantes de Santa Christina fazem a guerra de quando em quando com os de *Nukah* debaixo de musica e cantos. E', v. g., de noite. Um delles vê de longe o fogo no centro da ilha do inimigo. — Aonde é o fogo? — Os mais reunidos em cõro respondem: — Sobre *Tauhuata Montanioh* por entre os nossos inimigos! assão-se os nossos mortos e prisioneiros! — Esta resposta os torna enfurecidos. Grita-se: fogo! Em um instante sentem um prazer summo em dar o saque em seus mortos e prisioneiros, e não sem compaixão, lembrando-se de suas mulheres, de seus filhos e parentes, em cujo momento derramão abundantes lagrimas. Acabada a peleja contão-se dez dias, no fim dos quaes comem as victimas, solemnisando deste modo a victoria. Naquella occasião cantão todos juntos uma canção no tom menor, e alguns danção no mesmo tempo.

« Uma quantidade de homens adultos e jovens, em numero de 200 a 600, marcão o compasso com pancadas de mão, e, se o saque for grande, usão para este fim dos tambores.

« O canto desses selvagens Russos-anthropophagos não é senão um ridiculo rosnar que espanta a qualquer homem menos medroso, excitando-lhe o desespero e a lembrança do ultimo instante da sua existência. »

Do compositor *J. Fachinetti*.

Na poesia — *A' minha filha* —, do numero passado, nos versos 20, 27 e 40, onde lê-se —
espalhando, espalha, espalhou — lêa-se — *espelhando, espelha, espelhou*.

As charadas do n.º 46 são: 1.^a, *Oratorio*; 2.^a *Aroma*.

Acompanha este n.º 47 uma estampa com figurinos de *soirée* e de passeio.

TYP. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.